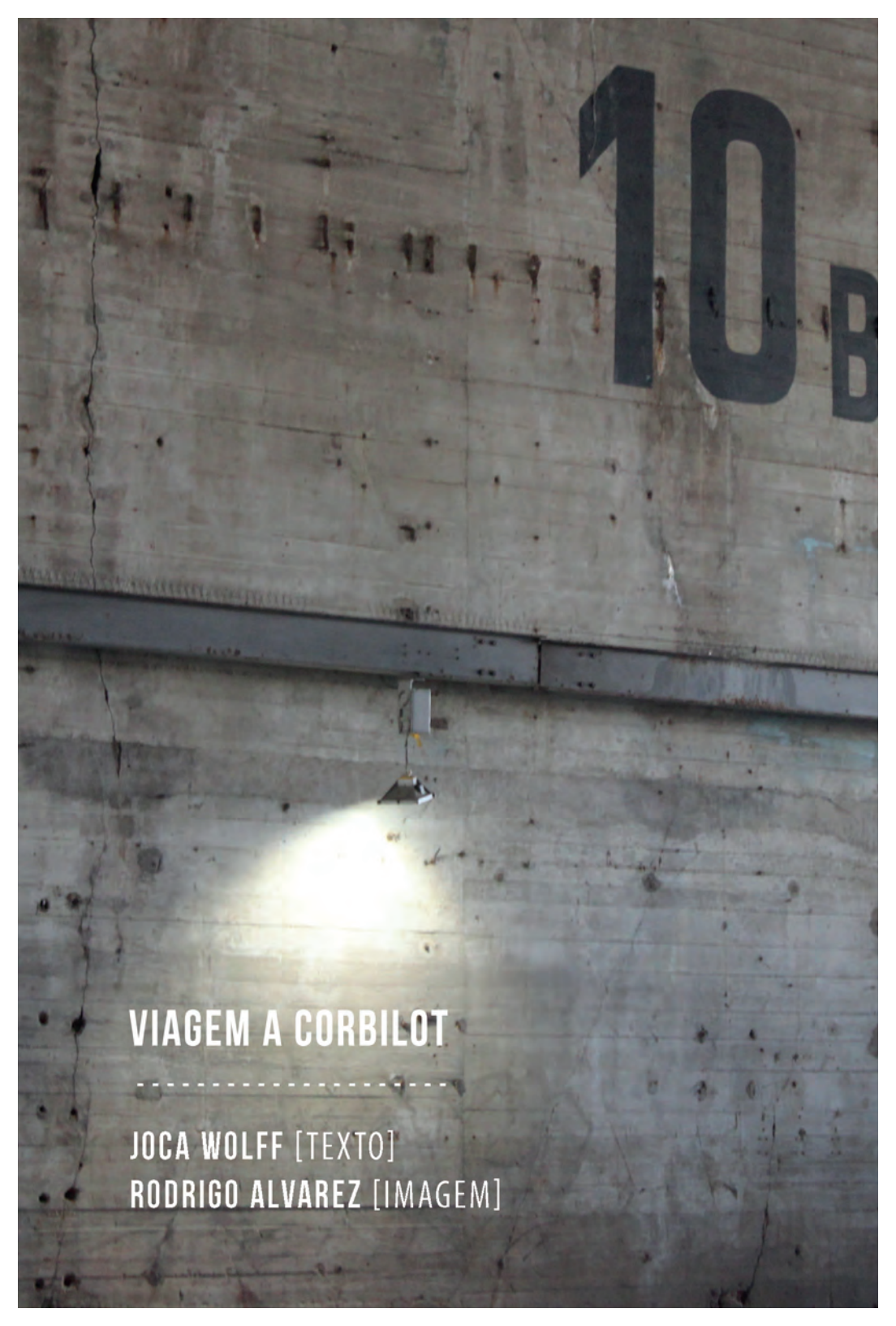




10 B

VIAGEM A CORBILOT

JOCA WOLFF [TEXTOS]

RODRIGO ALVAREZ [IMAGEM]

Viagem a Corbilot. Jorge Wolff [texto]; Rodrigo Alvarez [imagem]. 2020

© Cultura e Barbárie, 2020

REVISÃO Marina Santos e Fernando Scheibe

Wolff, Jorge; Alvarez, Rodrigo

Viagem a Corbilot / Jorge Wolff [texto]; Rodrigo Alvarez [imagem]. – Florianópolis,
SC: Cultura e Barbárie, 2020.

36 p. ; 14 x 21 cm

ISBN 978-65-5033-010-1

1. Literatura brasileira. I. Autor. II. Título.

Cultura e Barbárie Editora

COORDENAÇÃO EDITORIAL Marina Moros, Fernando Scheibe

CONSELHO EDITORIAL Alexandre Nodari, Flávia Cera, Fernando Scheibe, Leonardo D'Ávila e Marina Moros

www.culturaebarbarie.com.br | contato@culturaebarbarie.com.br

Florianópolis/SC

Vestiu-se há anos para esta viagem.

Agora fuma para dissimular.

Arnaldo Calveyra

Madrugada na gare. Combinamos o encontro na estação Montparnasse às seis e meia da manhã. Cheguei às seis e, gare gelada, me refugiei numa banca onde comprei um jornal em troca de alguns minutos de calor. Às seis e vinte, o encontro em que comprovaram o que já intuía de alguma forma: nenhum dos dois tinha conseguido pregar o olho nas horas que antecederam a viagem. Segunda-feira, muita gente insone na madrugada na gare.

Nosso desinteressado passeio de trem era claramente de fachada, tínhamos uma missão secreta a cumprir, destinada às literaturas traduzidas para qualquer língua: rastrear e se possível encontrar o poeta perdido de Corbilot, objetivo que representaria não apenas uma prova de sobrevivência depois de mais de duas décadas, quando nos conhecemos e combinamos um encontro no futuro, mas também uma volta ao tempo dos novo-mundistas-racionais de Corbilot. Chegamos de TGV em Labelle, nove da manhã, e tomamos o que eles chamam *autocar* e nós ônibus até o porto de Corbilot.

Mais de duas décadas atrás, em fins dos anos 80, o Centro de Literatura Erótica de Corbilot ganhou corpo e se tornou uma referência internacional através da noção de literaturas traduzidas para qualquer língua. Antes da fundação do centro, foram muitas as viagens via Corbilot para fora da França, em direção às Américas, algumas delas célebres, como as de Vladimir Maiakovski e de Vladimir Nabokov, para citar apenas os russos.

Finalmente, a própria cidade nova mas já carregada de história passa a arremeter para fora do país em busca de outras narrativas, escassamente visitadas em França, com uma única guerra declarada: ao turismo. Ou seja, arremeter para fora significava buscar outro fora, alheio a uma visão do novo mundo como objeto de exibição e consumo.

Poucos anos depois da criação do centro, o poeta desapareceu, ainda que tenha desaparecido *sem nunca ter deixado de publicar*. No entanto, inclusive nos submundos virtuais, as informações sobre Christian Nazar são mínimas: publicação de dois livros de poesia nos anos 90 e outros dois, inencontráveis, na primeira década do novo século; participação no Festival de Literatura Erótica de Porto de Galinhas, no Brasil, em 2009; candidato a prefeito de Corbilot em 2008 pelo Partido Racional. E é tudo. Além disso, tínhamos a notícia, de parte de um tal Edouard Roar, de que o poeta tinha uma filha nascida na cidade onde também ele veio ao mundo, Marina.

Decidimos começar a busca pelos bares, onde – dois zumbis em Corbilot – teríamos acesso sobretudo a baldes de café. No primeiro, Le Strawberry, em frente à estação de trem da cidade, o bar de um hotel onde Nazar certamente jamais se encontraria – antes estaria dormindo incógnito num dos hoteizinhos ao redor. Deixamos em seguida o ascetismo do bar do melhor hotel de passageiros da gare de Corbilot e rumamos em direção ao porto, a uns dois quilômetros dali. Vale notar que, vinte e poucos anos atrás, havia uma praça diante da gare, bastante simples mas uma praça. Agora só resta uma passagem entre dois estranhos edifícios brancos com meia dezena de andares.

A previsão anunciava sol e sol houve, mas sempre entre densas nuvens do mais puro vento frio sobre o rio no seu encontro com o mar. Primeiro topamos – na rua do mesmo nome – com a praça do Dolmen, com um dolmen trilítico e um menir muito antigos e resistentes no meio dela, agora livrada aos bêbados e devastada por sucessivos invernos. Depois, chegando ao porto, desembarcamos no Ti Waraog ao atravessar a ponte levadiça, *le pont levant et descendant*, se poderia dizer, mais enorme que grande, toda de ferro. Bocas congeladas, farejamos o encontro das águas perto do Velho Molhe. Contornamos uns pequenos edifícios modernos em ruas desertas e chegamos ao bar dos pescadores no qual depositávamos muitas esperanças de encontrar Nazar: La Marine, antigo Le Pont Levant. Repleto de comensais bebendo vinho ou café, onze da manhã, o bar palpitava de vida, morte e calor na cidadela fantasma de Ti Waraog naquela segunda-feira glacial, o porto quase deserto. Um cidadão, que para nós e por algum motivo obscuro poderia ser um amigo do poeta (ao menos tinha sua idade, ao redor de 50 anos), entrou e nos observou sentados na mesa central, tendo seguido resolutamente até o balcão. Minutos depois, ao sair, bateu duas vezes com ambas as mãos nos ombros de Álvares – que estava sentado ao meu lado, de costas para o balcão – como se fossem os ombros de um velho conhecido, e se foi sorrindo porta afora. Segundo quem recebeu o abraço, a mensagem dizia *textualmente*: – Desistam! Nunca o encontrarão!



Abordei então o dono do bar atrás do balcão, que ao me ouvir pronunciar “Christian Nazar” com acento estrangeiro, coçou o queixo e disse que sim, que o nome lhe soava familiar. Pensou um pouco e finalmente perguntou, querendo ajudar: “Nazar *le bûcheron*?” (o lenhador?)... e dissemos, não, não, o écrivain, o poeta, o cortador de palavras. E assim voltamos à rua algo intrigados, alegremente intrigados, em direção à antiga base submarina nazista, do tempo da destruição total da cidade portuária artificialmente construída no século XIX, destruída durante a segunda guerra e reconstruída à maneira ianque logo depois. Em meados dos anos 80, alguns “novo-mundistas” franceses, quero dizer, habitantes desse Novo Mundo incrustado no Velho, resolveram dedicar-se de corpo e alma às literaturas traduzidas para qualquer língua, a fim de ajudar a reunir o que estava separado, o porto e a cidade¹, e a seguir alimentando sua irradiação rumo a outros portos, outras cidades, outros centros de literatura erótica, cuja ascensão como discurso hegemônico era ainda lenta mas inexorável.

1 “O pau e a buceta”, na visão dos homens do bar, semelhante e diferente daquela do Centro de Literatura Erótica de Corbilot.



Havia um certo movimento de automóveis, até superior ao de pessoas. Nenhum cão sarnento nos viu atravessar outra vez a ponte levadiça, dobrando à direita para penetrar na base submarina por uma enorme escada de ferro externa, junto às duas gruas-irmãs, cinzentas e amarelas, já tornadas célebres no álbum do fotógrafo-poeta Gil Linux, também (nesse momento, 31 de janeiro de 2011) desaparecido. Até pouco tempo atrás, a fortaleza de cimento nazi era vista como impenetrável já que desabitada, escura e perigosa, era ao fim e ao cabo um monumento proibido e só se podia entrevê-la pelo lado de fora – os qualificativos mais amáveis dos nativos do lugar eram os de “cancro” e “buraco negro”. Mas de repente estávamos subindo por uma outra escada cujos degraus dariam numa porta que não nos negaria passagem mas que me pareceu suspeita, capaz de se fechar para sempre. Diante disso, colocamos um pedaço de papelão encontrado no chão como calço, caso precisássemos voltar por ela.

Mas não, seguimos andando e, já no terraço de concreto, demos com uma cúpula branca em forma de geodo onde aconteciam encontros e reuniões, entre as quais algumas *raves*, segundo alguns cartazes vistos pelo caminho. A cúpula estava fechada e continuamos em busca da parte frontal do edifício, do panorama geral do porto e do encontro das águas, a uma altura pouco inferior à do décimo andar do apartamento do Centro de Literatura Erótica de Corbilot, o único arranha-céu da região, situado a não mais de duzentos metros da própria base militar alemã – uma das cinco construídas no litoral francês, com capacidade para nove submarinos e considerada indestrutível.







As mãos congelavam lá em cima e as docas estavam meio transparentes em função da neblina e – ai de nós! – do estado de nossos olhos. Estávamos diante da amurada da cobertura da base, com a grande ponte sobre o estuário à esquerda e o Atlântico diante de nós. – É mais difícil manipular as mãos do que a visão, disse Álvares com certa raiva, enquanto tirava e colocava as luvas repetidas vezes, em nome de seus dois esportes prediletos: fumar e fotografar. Éramos os únicos presentes no local e, até certo ponto da exploração, nos sentimos clandestinos. Não mais do que dois ou três homens haviam cruzado conosco nos imensos salões vazios do térreo e nenhum deles sequer nos fez notar – talvez por isso tenhamos nos sentido invisíveis. No vasto terraço superior, entre rampas e paredes em diferentes níveis, chegamos a uma exposição sobre a história da cidade, incluindo imagens do século XIX e da construção da base pelos nazistas durante a segunda guerra mundial. Imediatamente depois havia um longo pontilhão de ferro que desembocava diretamente na avenida central, parte da festejada iniciativa de reaproximação entre porto e cidade – a qual, segundo o diretor do Centro de Homeopatia Popular que conheceríamos em breve, só tinha servido para aproximar comerciantes e consumidores. Por ali, nenhuma proibição de trânsito, nenhuma porta fechada, ainda que as informações da prefeitura nas redes sugerissem o contrário.





Descemos mais livres, com o vento gelado às nossas costas, na direção da cidade. Era o início da tarde, hora de ligar para o Centro de Literatura Erótica e tentar adquirir o máximo possível de obras da coleção Anfíbia, composta por relatos eróticos ilustrados e sempre publicados em duas línguas, a francesa e a de origem. Tínhamos apenas o endereço, o que parecia suficiente, mas não: não havia ninguém e chegamos a constatar o fato de dois modos, o primeiro entrando numa livraria pedagógica das proximidades, cujo encarregado, a quem expusemos o dilema, telefonou gentilmente para o escritório do Centro sem que ninguém respondesse. Vimos em seguida, do outro lado da rua, um letreiro chamativo num edifício anos 50, como quase todos da cidade, em que se lia “Colégio Experimental”. Entramos. Ao entrar no térreo do edifício de três andares, ouvimos música dançante dos anos 60 – uma espécie de *rockabilly* – com o volume a uma boa altura e demos com um casal dançando; o Colégio Experimental tinha aulas de dança de salão às segundas-feiras (e talvez todos os dias, sem horário marcado).

Ao mesmo tempo, aparece Antoine, um simpático jovem louro que, sem casaco nem echarpe, se oferece para nos levar até o endereço, a uma quadra dali. Pergunto a ele, para dizer algo: – Você é o chefe do liceu? – *Pas de chef* – diz sorrindo. – Eu vivo lá, acrescenta, e pergunta por sua vez se somos escritores. – Sim, respondemos sem hesitar. – Nós temos relações com o Centro de Literatura Erótica, fazemos trabalhos para eles e eles para nós – ele diz, e emenda: – Combatemos juntos a noção de literatura boa e damos aulas de dança para os residentes, ultimamente no geodo da base submarina. – Que bom! Nós também esperamos poder colaborar em breve, digo. E vai embora sorrindo, solícito, rápido, meio nu e fumando como veio.

Mas nada, ninguém atende. Seguimos caminhando cabisbaixos, preocupados com a passagem das horas, em direção ao Jardin des Plantes, atraídos pelo mar. Tínhamos visto na véspera um vídeo do escritor Caesar Hérat, autor das célebres *Nouvelles Impressions du Ti Waraog*, em que faz um elogio ao Jardim das Plantas de Corbilot, além do próprio Ti Waraog e seus bares, é claro. Por esse motivo, Álvares passou a chamar o jardim de Jardin Hérat e essa leve modificação nominal, passageira e estrangeira, cobraria seu preço. Não havia ninguém no parque, ao entrar vimos apenas uma menina e um cachorro ao longe na praia, mais dois ou três idosos imóveis na calçada.



LES
MOTS

AUSSI



Ao chegar ao centro do jardim, de costas para o Atlântico, vislumbramos à direita uma estátua de ferro recém-erguida com a inscrição de um nome igual ao do poeta perdido, no meio do gramado queimado pelo frio. A estátua era de um homem de 40 anos, magro e calvo, em tamanho natural, e o nome era o mesmo de Christian Nazar, acrescido de um B. no meio. Nesse momento tememos – como se diz – o pior, ainda que a metamorfose do poeta perdido em estátua no jardim das plantas de Corbilot fosse tão improvável quanto a salvação da humanidade. Inquieto e desconfiado, pedi a Álvares que fotografasse o monumento. Uma sensação de mal-estar subiu às nossas cabeças e assim deixamos o parque. Mas talvez não fosse nada além da fome: eram mais de duas da tarde e precisávamos comer alguma coisa. Andamos quadras e quadras sem cruzar ninguém, até que vimos três senhores, grisalhos mas joviais, falando e caminhando, cuja camaradagem associei automaticamente à de Nazar. Devem ser seus amigos, pensei. Ocorre que nesse preciso momento se despediam na esquina, enquanto um deles entrou pela porta daquilo que constataríamos ser o Centro de Homeopatia Popular da cidade, no qual entramos também, para encontrar alento e esperança, mesmo que ainda não o soubéssemos.²

2 Doente, o narrador de *Wasabi* (1995), de Alan Pauls, recorre a uma médica ligada a este centro, por indicação de Christian Bouthemy, um dos protagonistas da novela.

O senhor grisalho jovial remanescente dirigiu-se a uma sala à direita da entrada do casarão da esquina, onde havia duas funcionárias, nos entrevistou e fez um sinal para que o esperássemos. Em seguida reapareceu, nos cumprimentou e convidou a entrar em seu escritório, um lance de escadas de madeira acima. Chamava-se Edouard Roar e, para nossa surpresa, identificava cada coelho que tirávamos da cartola, fosse quem fosse. Solícito como Antoine (eram iguais: seria seu pai?), imprimiu nomes, telefones e endereços de nosso interesse, chegou a ligar para alguns números, ainda que acabasse frustrado com as respostas das secretárias eletrônicas – *pas de chance*, dizia entre risos. Mas o que para ele era falta de sorte para nós era exatamente o contrário; afinal, Roar acabava de nos dar informações fundamentais, uma delas auspiciosa: na única livraria erótica digna da cidade encontrava-se o único amigo do poeta perdido, não sabia se estaria aberta – “parece que fecha às segundas-feiras porque abre aos domingos” – mas nos passaria os contatos do dono; e outra tranquilizadora: com toda certeza não se tratava da mesma pessoa no jardim e sim de um homônimo de Nazar, falecido há pouco tempo, que era o proprietário da grande fábrica de aviões – responsável pela metade da arrecadação de impostos da prefeitura – localizada nas imediações do porto, rio Loira (como dizem os portugueses) acima.

Aliviado e agradecido, fiz uma última pergunta a Roar: – O senhor conhece algum restaurante bom e barato aqui no centro? Ele olhou para o relógio e disse: – A essas horas, não – e riu. Saímos do Centro de Homeopatia Popular de Corbilot famintos mas satisfeitos e partimos em busca de um crepe ou de um sanduíche. Andamos algumas quadras mais e, na avenida principal da cidade, topamos às três e pouco da tarde, com um bistrô simpático, apesar da aparência pasteurizada, com dois personagens se intercalando no atendimento, além de um ou dois clientes comendo ao fundo, como se estivessem em casa. Éramos o absolutamente estranho que invadia um espaço muito mais privado que público, o qual nós também considerávamos divertidamente estranho, como numa mescla cinematográfica de Fellini – a figura da moça – e de Tati – a do rapaz. A dupla do bistrô Tout Gourmand tampouco deixaria de se divertir. Dois estrangeiros famintos em Corbilot àquela hora da tarde de uma segunda-feira de inverno, munidos de amplos casacos, echarpes, luvas, pequenas mochilas, óculos escuros e olhos vermelhos: éramos sem dúvida os dois únicos seres circulando daquele modo pela região – meio turistas (ainda que ninguém fizesse turismo ali, e ainda menos no auge do inverno), meio viajantes (ainda que ninguém mais passe por aqui, exceto os adeptos da literatura erótica), meio exploradores do nada. Estávamos certos de que os raros habitantes do lugar se burlavam de nós, pelo menos desde o episódio do abraço no café do Ti W̄araog, e nós, de passagem, ríamos nervosos junto com eles.





Depois do almoço voltamos à zona do porto, em busca dos tesouros do Centro de Literatura Erótica de Corbilot, passando antes pela livraria do amigo de Nazar, que tinha um cartaz na porta: “Aberto todos os dias menos às segundas-feiras”. Na vitrine, clássicos do situacionismo e da desobediência civil e cívica, misturados com livros de poesia e literatura erótica. Algumas quadras mais e chegamos de novo à entrada do edifício em que se localizava o Centro. Tocamos no porteiro eletrônico do edifício residencial: nada. Na verdade, com as esperanças se dissipando, já tínhamos pensado em retornar antes do previsto para Labelle. Nesse intervalo, entram duas senhoras elegantes e perguntam se queremos tomar o elevador com elas – “o que vocês procuram fica no nosso andar”, vão dizendo em uníssono sem se deter. Vamos atrás delas e já no grande elevador, numa espécie de *peep-show* em movimento, sentimos o que nos espera. Depois de gozar de um lento passeio vertical, com permissão para fumar e fotografar, nos despedimos das ascensoristas elegantes e batemos na porta em que se lia a mesma mensagem da porta do Centro de Homeopatia Popular: “Bata e entre”. Batemos, entramos e então o tempo se distendeu ainda mais. Recebidos quase sem palavras por uma mulher e um homem, igualmente solícitos, passamos algumas intensas horas ali retirando livros das estantes repletas e lambendo páginas e mais páginas, jogados em almofadões.

De repente, com um olhar, dão por terminada a visita apontando para a porta do salão e saímos, satisfeitos e agradecidos, cada qual com duas grandes bolsas plásticas contendo cerca de quinze álbuns ilustrados da mais pura literatura erótica mundial em contos, novelas, romances, poemas, peças teatrais e ensaios de todos os quadrantes da terra, em edições em duas ou mais línguas. Com direito, no hall de saída, à encenação-relâmpago de uma das peças de bolso do poeta perdido, em que uma gueixa sussurra para outra um de seus poemas. Era um exorcismo, soubemos depois.

Saciados, deixamos o edifício por volta das seis da tarde e seguimos andando de volta à gare de trens, no outro extremo da cidade. Ao chegar à gare, exaustos, entramos num bar chamado Jeux, não distante do bar do hotel visitado pela manhã, ainda que fosse seu antípoda: a garçonete bebendo vinho e lendo a página esportiva de um jornal atrás do balcão, diante de dois loquazes senhores franceses, também bebendo vinho e discorrendo tranquilamente sobre os perigos da vida. À direita do bar, amplo e vazio, uma mesa com alguns raros jovens, bebendo cerveja (durante toda a jornada só tínhamos cruzado com alguns jovens ao meio-dia, na saída da escola, perto do centro comercial Beau Paquet, ao deixar a base nazista). Sobre a mesa vazia anterior à deles, uma chamativa sombrinha azul marinho aberta, fazendo propaganda de uma companhia telefônica. Na parede posterior à mesa dos jovens, que rapidamente deixaram o local, um papagaio numa gaiola, felizmente quieto naquele momento. Como de costume, nos sentamos no centro do bar, comemos sanduíches e finalmente ingerimos algum álcool, fartos que estávamos de cafeína: três bons copos de cerveja para cada um.

À noite as estações estavam mais geladas do que de madrugada, ainda que eu sempre tivesse a impressão de que os dias eram mais frios que as noites do inverno francês. Fizemos conexão em Labelle viajando sempre na primeira classe, cujo valor promocional oferecia um preço inferior ao da segunda classe, em plena pátria da lógica fria, cartesiana e, finalmente, irracional. Conversamos sobre os livros de Nazar, que tínhamos ganho de presente no Centro, durante toda a viagem de volta; era uma poesia estudadamente *non-sense*, em tons imperativos, da qual os dois funcionários do Centro que nos atenderam pareciam querer fazer questão de se livrar. O poeta de Corbilot continuava desaparecido, mas pensávamos ter dado com as bases da concepção de literatura erótica em todas as línguas, que ele havia lançado (isso ninguém podia negar) através de alguns de seus poemas, como por exemplo este: “*La traduction n’est que le passage du sacré au profane. / Qu’on sache ce que ce terme annonce*”. A poesia como ameaça, a tradução como profanação.

Chegamos de volta a Montparnasse em torno das onze da noite e nos despedimos surdos e mudos na entrada do metrô. Viajávamos agora, cada um com seu destino, pelos subterrâneos de Paris, depois de ter percorrido os de Corbilot. Não foi necessário dizer nada para entender que continuaríamos em busca de seus contornos.³

3 Cerca de cem dias depois, no decorrer do primeiro semestre de 2011, o poeta Christian Bouthemy de Saint-Nazaire, autor de *Contours du souterrain* (2008), foi localizado em Ibura de Cima, favela da capital de Pernambuco, Recife, Brasil, onde escreveu parte dos poemas de *Ibura-Sené* (2011). Este último livro, traduzido pelo autor destas linhas, encontra-se aqui: <http://culturaebarbarie.org/sopro/n75scribd.pdf>

